



A REZADEIRA E AS REPRESENTAÇÕES DA MARGINALIDADE BRASILEIRA

Matteus Yuri Antero Bento¹, Rafaela Magalhães Siqueira², Bárbara Amorim Vivas³

¹Universidade Federal de Minas Gerais/ Letras /Faculdade de Letras,
matteusmyab@gmail.com

²Universidade Federal de Minas Gerais/ Letras /Faculdade de Letras,
rafaela.m.siqueira@hotmail.com

³Universidade Federal de Minas Gerais/ Letras /Faculdade de Letras,
barbaravivas14@gmail.com

Resumo: Com este trabalho nos propomos a fazer uma análise sobre os temas e figuras presentes na canção “A Rezadeira” do rapper brasileiro Projota. Esperamos explicitar os diálogos entre liberdade, prisão, marginalização e inclusão presentes no fio do discurso da referida letra, à luz das questões de desigualdade social brasileira, respaldadas pela análise semiótica do nível discursivo.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Semiótica, Projota, Marginalidade, Nível Discursivo.



1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir dos pressupostos teóricos da semiótica do discurso, a canção “A Rezadeira” do cantor Projota. Essa canção foi selecionada como corpus deste artigo devido, sobretudo, ao cunho de crítica social que a letra apresenta, além de sua riqueza narrativa, evidenciada pelas transformações na vida do personagem ao longo do percurso narrativo da canção.

Posto que a canção apresenta alguns personagens, que serão apresentados mais detalhadamente ao longo deste estudo, analisaremos as construções de sentido a partir da perspectiva de cada um deles, focando no menino – personagem que ocupa a posição central dos acontecimentos da narrativa, na Rezadeira, no policial e no narrador-personagem, que é testemunha dos acontecimentos narrados.

Dissertaremos, portanto, acerca do “plano de conteúdo” e do percurso gerativo de sentido, com ênfase no nível discursivo, correlacionando esses conceitos com a análise da canção A Rezadeira do cantor Projota.

2. Desenvolvimento do Texto

A *Rezadeira* estrutura-se, no Nível Fundamental, sobre uma oposição semântica entre *centralidade vs marginalidade* na qual este é disfórico e aquele é eufórico. Neguim, o principal sujeito actante do texto, já no Nível Narrativo, realiza a mesma *transformação* principal duas vezes: ele rouba, passando de um estado de junção com o valor *marginalidade* para um estado de junção com o valor *não-marginalidade*¹. Na primeira ocorrência, da transformação decorre uma *sanção pragmática* na qual Neguim é levado à detenção. Na segunda, a *sanção pragmática* é a troca de tiros com a polícia que resulta em uma experiência de quase morte.

Tendo sido feito este panorama sobre os níveis Fundamental e Narrativo da canção, ancorados nas teorias de Barros (1990), passamos agora ao Nível Discursivo. Este nível, objeto principal de nosso trabalho, concerne as tematizações e figuratizações dos valores explicitados no Nível Fundamental, sendo aquelas ligadas às explicações do mundo e estas ligadas aos simulacros.

Qualquer enunciador, presumivelmente, se quer fazer crer verdadeiro. Quer atribuir a si mesmo uma ilusão de verdade. A tal característica damos o nome de *veredicção*, a qual, na perspectiva de Barros (1990), pode ser realizada através de dois efeitos: o de proximidade

¹ Observe-se que ele não entra em junção com a *centralidade* visto que sua situação socioeconômica não se altera. Ele tão somente passa a ter acesso a certos bens, futebol de salão e calçado bonito, símbolos das camadas mais abastadas e centrais.



vs distanciamento; e o de realidade vs referente. Na perspectiva do primeiro efeito podemos dizer que a verdade em *A Rezadeira* se faz crível por proximidade. O enunciador, ainda que em terceira pessoa - *a priori* distanciado, fala de Neguim com grande subjetividade, afeto e compreensão: o sujeito actante da enunciação é “Neguim”, um diminutivo carinhoso; o viver (brincar, chavecar, correr) de Neguim é tratado com alegria a todo tempo; tanto a primeira detenção quanto a ressurreição foram motivo de choro, este de alegria, aquele de tristeza; o roubo se torna um simples “ganha pão”. Esta abordagem dita, em certa medida, que tipo de leitura o enunciatário pode ter sobre o discurso enunciado. Cabe apontar, também, que a opção por um enunciador em terceira pessoa introduz essa visão compreensiva sobre Neguim como sendo uma opinião plausível para quem observa a história de fora. Caso tivéssemos aqui um enunciador em primeira pessoa, o próprio Neguim contando sua história, o discurso poderia ser acusado de corresponder tão somente às desculpas esfarrapadas de um criminoso que joga na sociedade a culpa por seus atos - algo que poria em cheque o parecer do discurso, comprometendo a veridicção do texto. Já na perspectiva do segundo efeito, podemos afirmar que n’*A Rezadeira* há um bom uso de ancoragem actancial, que nas palavras de Barros (1999, p. 58) a ancoragem “trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’ (...) preenchendo-os com traços sensoriais que os ‘inconizam’, os tornam ‘cópias da realidade’.”. No texto temos Neguim e a *Rezadeira* como sendo as principais pessoas-âncoras; vejamos como são representados no texto.

Neguim- Pelo nome depreendemos um jovem negro. Pela letra sabemos que ele corre, chaveca, solta pipa, joga futebol, é morador de uma favela, desprovido de adequado acesso à educação, à alimentação, à saúde (visto o pronto-socorro não lhe ser opção no terceiro momento narrativo da canção), vivendo à margem da sociedade, em vulnerabilidade socioeconômica, e em certa medida ambicioso.

Rezadeira- Como “pra proteger existe a rezadeira”, podemos enxergá-la como a protetora de Neguim; uma senhora devotada a uma determinada religião. A rezadeira traz ao discurso o tom da subversão à norma estabelecida: ela atravessa isolamentos, empurra policiais e revoga a morte.

Quanto ao espaços-âncoras podemos apontar com firmeza a favela em que vive Neguim, e com mais liquidez o pronto socorro para o qual Neguim não é levado, a rua onde ocorre a troca de tiros, a escola de onde Neguim não recebe lições e o centro de detenção cujas grades não o seguram. Datas e marcas seguras de tempo não se manifestam na ancoragem deste texto, apontando talvez para uma certa atemporalidade ou perenidade do discurso subjacente.



Foquemos na questão das tematizações e figuratizações. De acordo com Fiorin (1995), temas e figuras são os dois níveis de concretização daquilo que era abstrato no nível fundamental, sendo estas precedidas por aquelas. *Ipsis literis*:

“Se a concretização parar no primeiro nível, teremos textos temáticos; se vier até o segundo, teremos textos figurativos. Os primeiros são compostos predominantemente de temas, isto é, de termos abstratos; os segundos, preponderantemente de figuras, ou seja, de termos concretos. Cada um desses tipos de texto tem uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos, criam simulacros do mundo.” (FIORIN, 1995. p. 117)

As figuras são, pois, manifestações miméticas, se nos é permitido aqui retomar Platão, das ideias temáticas que as sustentam. Vejamos alguns dos temas marcados em *A Rezadeira*.

- a) Tema da desigualdade socioeconômica
- b) Tema da homicida opressão policial contra negros.
- c) Tema da religião enquanto fundamental para a vida humana.
- d) Tema da ineficácia do sistema carcerário brasileiro
- e) Tema do desejo de consumo

Indubitavelmente nosso texto-objeto desenvolve seus temas em figuras, visto se tratar de um simulacro, num mundo possível, da vida de um rapaz. Explicitemos as figuras ligadas a cada tema supra exposto.

- a) O tema da desigualdade socioeconômica é figuratizado sobretudo que descreve a situação de Neguim “Porque eu já vi sua situação, suas panelas no fogão / Sua chinela sem cordão, sua favela, seu colchão / Sua sequela, podridão, seu caderno sem lição / Sua rabeira nos busão, seu roubo, seu ganha-pão / Sua fuga com seus irmãos, sua comemoração / Vi seu bute bonito, seu futebol de salão / Sua garra pela função, sua marra, sua perdição”. Vemos aqui o retrato da vulnerabilidade social: fome, vestimenta precária, desconforto, sujeira, acesso dificultado à educação e à mobilidade urbana². O jovem nesta condições se bandeia para o lado do crime a fim de obter um tênis bonito e custear seu futebol de salão - ambos símbolos de um poder aquisitivo ligado às camadas centrais da sociedade.
- b) O tema da opressão policial contra negros é figuratizado pela cena em que o sujeito Neguim, expressamente negro, é baleado durante uma troca de tiros com a polícia. Não apenas baleado, também é deixado para morrer sobre o asfalto - enquanto a Rezadeira tentou ajudar “um pronto socorro não”. Este tema poderia passar por uma simples

² Vale explicitar que “rabeira no busão” é prática de, montado em uma bicicleta ou skate, agarrar-se à traseira de um ônibus como que pegando uma carona.



“opressão policial contra sujeitos marginalizados”, sem distinção de raça. No entanto, como exposto acima, temos ambos sujeito actante e sujeito da enunciação inseridos no tempo espaço das periferias brasileiras dos anos 2010. Neste mesmo contexto histórico foi realizado por Sinhoretto *et al.* (2014 - curiosamente, mesmo ano de divulgação da canção-objeto) um estudo sobre a atuação da polícia em São Paulo, a partir do qual sabe-se que a polícia mata três vezes mais negros que brancos. Seria inocência crer que “Neguim” baleado e este tipo de dado sejam questões distintas.

- c) O tema da religião enquanto elemento fundamental para a vida humana figuratiza-se na figura da Rezadeira. Se traçarmos um possível paralelo com o texto bíblico podemos perceber que à Rezadeira é conferido o poder de ressurreição, como ocorre com Jesus Cristo. Ela age, dessa forma, e transforma o estado de “Neguim”, tirando-o da disjunção (Morte) e conferindo-lho a conjunção (vida). Dessa forma, a história de Neguim em “A Rezadeira” figura o que pregam muitas religiões: a fé, a religião nos permite desfazer da Morte e, por isso, ela é essencial para a vida humana.
- d) O tema da ineficácia do sistema carcerário figuratiza-se nas experiências de Neguim com a criminalidade. Primeiro ele rouba para comprar um tênis e pagar um futebol, e por este roubo é detido. Ainda que por pouco tempo, afinal “essas grades num te prende”, Neguim esteve sob tutela do Estado em uma casa de detenção. Lá esperava-se que participasse de medidas socioeducativas que pudessem reintegrá-lo à sociedade, evitando reincidências. Infelizmente isso não aconteceu: Neguim passou ao roubo a mão armada no intuito de comprar uma moto. Nota-se que tanto a violência do *modus operandi*, agora com troca de tiros, quanto a motivação, de um tênis a uma moto, se tornaram mais graves. O senso comum nos impele a dizer que ele “piorou”.
- e) Por fim, o tema do consumo desenfreado se figuratiza na canção como sendo o motivo por trás dos crimes de Neguim. O primeiro roubo é cometido para que Neguim pudesse comprar um tênis, objeto de desejo de boa parte dos jovens, e pudesse custear seu futebol de salão, que certamente na canção se opõe ao futebol de várzea, à pelada, tão característico das favelas. Ainda que Neguim já tivesse acesso a uma expressão do futebol, a expressão que o interessa é aquela que exige e denota um poder aquisitivo maior do que o que ele possuía. Já o segundo roubo é motivado por uma moto. O sujeito de enunciação da canção diz “Vem, volta pra nós / Deixa os problemas de lado, compra uma moto veloz / Só que pra ter moto veloz, né, tem que ter um dim”: Neguim é convidado a deixar seus problemas de lado e concomitantemente a comprar uma moto veloz, sugerindo que uma maneira de se abandonar os problemas é consumir bens. Este tipo de pensamento é muito típico de nossa sociedade tão acostumada a “dar um passeio no shopping para se distrair”. Percebe-se também neste trecho que o dinheiro não é fim, mas



tão somente meio objetivado pelo roubo: Neguim não visa a riqueza, o dinheiro, ele visa as posses, os bens, o consumo.

3. Conclusão

Com base no que foi desenvolvido neste artigo, chegamos à conclusão de que a canção “A Rezadeira” do Projota apresenta críticas veementes ao sistema social contemporâneo. Ela traz à tona diversas temáticas cujas discussões são de extrema relevância para o entendimento da dinâmica de nossa sociedade, bem como as desigualdades socioeconômicas, o papel da ocupado pela religião e os mecanismos de cerceamento da liberdade, tais quais a prisão e atuação de policiais.

Por esse motivo, analisá-la foi uma boa forma de compreender como as artes, neste caso a música, são espelhos que refletem a realidade de uma sociedade e sua cultura, apontando suas falhas, seus problemas e também expressando sua diversidade e cultura.

“A Rezadeira”, canção bastante difundida e amplamente conhecida pela população brasileira, representa a realidade de milhares de jovens que, como Neguim, enfrentam uma vida dura e encontram no crime uma possível válvula de escape para as mazelas que enfrentam diariamente. Dessa forma, uma análise mais profunda da canção nos ajudou a compreender como essas imagens se constroem e como elas podem servir de denúncia para os diversos problemas sociais os quais a sociedade brasileira enfrenta

4. Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do Discurso. Fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1990.

FIORIN, José L. *A Noção de Texto na Semiótica*. ORGANON, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 165-76, 1995.

SINHORETTO, J., SILVESTRE, G., SCHLITTLER, M.C. *Desigualdade e segurança pública em São Paulo: letalidade policial e prisões em flagrante*. Sumário Executivo. 2014. Disponível em: <http://www.ufscar.br/gevac/wp-content/uploads/Sum%C3%A1rio-Executivo_FINAL_01.04.2014.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2017.

PROJOTA. *A Rezadeira*. Foco, Força e Fé, 2014. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/projota/1833254/>>. Acessado em: 06 de out. de 2017.